

# CORTADORES DE CANA: A PERCEPÇÃO ACERCA DO EMPREGO ANTE O PROCESSO DE MECANIZAÇÃO<sup>1</sup>

José Maria Nova da Costa Neto<sup>2</sup>

## Resumo

A expansão da lavoura canavieira para o estado de Goiás é um fenômeno relativamente novo. Em Carmo do Rio Verde, os moradores da localidade vivenciaram a rápida expansão da agroindústria canavieira a partir da década de 2000. O desenvolvimento da lavoura canavieira alterou as relações existentes no campo, e muitos meeiros passaram a ser trabalhadores assalariados. Além das pessoas da região, a necessidade de grande quantidade de mão-de-obra incentivou um novo fluxo migratório, principalmente, do Nordeste para trabalhar no corte da cana-de-açúcar. A grande quantidade de trabalhadores do corte da cana-de-açúcar demandada no período de expansão da área de canaviais vem sendo de forma célere substituída pelas máquinas. Muitos trabalhadores são descartados e têm que buscar outras estratégias de sobrevivência muitas vezes em outras regiões; os que permanecem na atividade canavieira têm menos condições de resistir às imposições da empresa, também reclamam que as canas boas, plantadas em terrenos planos, são todas colhidas pelas máquinas; a atividade, que já era árdua, torna-se ainda mais extenuante. A dificuldade social criada pela mecanização da colheita não é algo natural e irrefutável, mas se percebe mais uma vez um processo de modernização em que as condições dos trabalhadores são objetivamente desconsideradas. Entre as condições objetivas dos trabalhadores, destacam-se o contrato de trabalho temporário, o salário por produtividade, os acidentes de trabalho, o desgaste físico. Entre as condições subjetivas, sobressaem-se a insegurança acerca do futuro, o medo de perder o emprego, a sensação de impotência ante o processo de mecanização, a esperança de trabalhar em outra atividade na usina. Essas condições dos trabalhadores influenciam a percepção acerca do emprego.

Palavras-chave: trabalhador rural; cortador de cana-de-açúcar; boia-fria; volante

## Introdução

A cana-de-açúcar é uma atividade de grande importância no Brasil, desde o período do Brasil colônia. A atividade canavieira, no entanto, com passar dos anos se desenvolveu em diversas regiões que não eram em períodos relativamente recentes grandes produtoras de cana-de-açúcar.

Em razão da expansão da atividade canavieira para diversas regiões, existem importantes diferenças nos ritmos de intensificação da produção canavieira.

Ora, o que significa intensificar a produção agrícola senão colocar as forças da Natureza a serviço do capital? Significa que se opera uma transformação essencial: a terra deixa de ser o meio de produção fundamental, a produção agrícola deixa de se guiar apenas pela fertilidade dos solos, pela água da chuva, enfim pelas condições naturais que afetam a produtividade do trabalho.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado: *Os cortadores de cana ante o processo de mecanização*. Uma versão desse artigo foi publicado, com modificações, em um tópico do capítulo *O cortador e a mecanização* da referida dissertação com título: *A percepção acerca do emprego*.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

O comando passa progressivamente ao capital, através do uso de meios de produção, como máquinas, os fertilizantes, os canais de irrigação e de drenagem. (Silva, 1981: 24)

Historicamente a atividade canavieira demanda grande quantidade de trabalhadores, principalmente, no período da colheita. No entanto, com a intensificação da produção, por meio da mecanização, há uma redução da demanda de mão-de-obra, como ensina José Graziano da Silva:

Em resumo, o emprego de trabalhadores volantes no Estado de São Paulo estava, na primeira metade dos anos 80, diretamente relacionado à área plantada com cana-de-açúcar e, inversamente, com o desenvolvimento de novas tecnologias, particularmente às da mecanização dos tratos culturais e da colheita. (Silva, 1997:65)

Em Carmo do Rio Verde, uma cidade no interior de Goiás, a expansão da cultura canavieira ocorreu primeiramente na década de 1980, quando foi construída a usina por uma cooperativa de proprietários rurais da região com financiamento do Banco do Brasil (Yrmão, 2003). No entanto, com a crise vivida pelo setor sucroalcooleiro, a expansão da produção apenas ocorreu de modo significativo no início da década de 2000, após a aquisição da usina por um grupo de tradicionais usineiros oriundos do Nordeste. Para se ter uma ideia, de acordo com dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), na safra de 1999/2000, houve uma produção de 7.163 mil toneladas de cana-de-açúcar; na safra 2014/2015 a produção foi de 66.276 mil toneladas do produto. Uma produção quase dez vezes maior em um período de aproximadamente quinze anos.

Nesse curto período de 15 anos, a região vivenciou grandes mudanças, várias pessoas da região, que trabalhavam em outras atividades, passaram a trabalhar na atividade canavieira. Além disso, existiu um considerável fluxo migratório de pessoas, principalmente, do Nordeste em busca de emprego nos canaviais.

Em resumo, o emprego de trabalhadores volantes no Estado de São Paulo estava, na primeira metade dos anos 80, diretamente relacionado à área plantada com cana-de-açúcar e, inversamente, com o desenvolvimento de novas tecnologias, particularmente às da mecanização dos tratos culturais e da colheita. (Silva, 1997:65)

A grande demanda por mão-de-obra ocasionada pela expansão dos canaviais, no entanto, apresenta, na atualidade, uma tendência decrescente em razão da substituição de cortadores de cana por colheitadeiras. Essa realidade combinada com desgaste físico inerente ao trabalho nos canaviais e com as dificuldades econômicas encontradas no ano de 2015 ressaltam as contradições decorrentes do processo de reprodução do capital no cotidiano desses trabalhadores e, como resalta Lefebvre, o tempo vivido é a fonte das contradições que invadem a cotidianidade desses trabalhadores (Martins, 1998: 5). Nesse artigo, por meio de entrevista com oito trabalhadores, tentar-se-á notar a

percepção e as contradições desses trabalhadores acerca do emprego ante o processo de mecanização da colheita da cana-de-açúcar. Por fim, é válido ressaltar que todos entrevistados são trabalhadores da usina localizada em Carmo do Rio Verde.

### **Percepções acerca do emprego Qual é sua profissão?**

Uma pergunta que foi realizada em quase todas entrevistas foi como os trabalhadores do corte de cana-de-açúcar se autodenominam. Essa interessante questão surgiu em razão de parte da literatura classificar esses trabalhadores de boia-fria, no entanto, por meio do contato com os trabalhadores, percebeu-se que eles não adotam essa denominação. Por essa razão, a seguinte pergunta foi repetida inúmeras vezes.

P: Se eu perguntar qual é a sua profissão, como vocêalaria?

R: Eualaria cortador de cana. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Os trabalhadores rurais que cortam cana autodenominam-se cortadores de cana, como se pode perceber na passagem.

### **Cortar cana é bom?**

Em todas entrevistas perguntou-se para esses trabalhadores o que eles achavam de cortar cana. Alguns responderam que cortar cana era bom, outros responderam que cortar cana não era bom. Para de fato compreender a percepção dos trabalhadores acerca do emprego não basta ater-se apenas a uma única pergunta, pois essa seria uma simplificação grosseira da realidade.

Se a lógica formal repousa-se sobre a separação entre forma e conteúdo, a lógica dialética supõe essa união e opera-se pela contradição que não é necessariamente negação, mas o movimento vivo da realidade. O movimento é, portanto, de ultrapassagem. Baseado em Marx, Lefebvre (1972, p. 38) elucida que “[...] só o pensamento materialista e dialético consegue aprender a dupla determinação do processo, a saber: historicidade e práxis, porquanto apreende sua complexidade, as suas diferenças, conflitos e contradições. É isto que constitui o materialismo histórico.” (Xavier, 2010: 22)

Dessa forma, deve analisar-se as repostas desses trabalhadores considerando a relação dialética entre a historicidade e a práxis. “O que significa o pensamento dialético? Primeiramente, significa o reconhecimento de que a realidade social é marcada por contradições e que somente pode ser entendida por meio da compreensão dessas contradições” (Schmid, 2012: 4). Ao longo das entrevistas, essas contradições aparecem.

P.: O que você acha de trabalhar no corte? Você gosta?

R.: Eu gosto.

P.: Você, se você tivesse a oportunidade hoje de trabalhar em outro setor da usina, você preferia?

R.: Eu gosto mesmo do corte, porque no corte a gente trabalha, fica mais solto, mais livre. No corte mesmo.

(...)

R.: O corte de cana é assim: a gente trabalha, mas cada tempo que vai trabalhando vai cansando, vai cansando. É bem melhor a gente.

P.: Entendi. Você acha, por exemplo, nesse cenário, que você possa cortar cana até os quarenta, cinquenta anos? Você acha que você teria condições de cortar?

R.: Não, não. Aí já está bem desgastado. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

No início da entrevista, pergunta-se ao trabalhador se ele gostava de cortar cana, o trabalhador é enfático ao afirmar que gosta da atividade. Tendo consciência do desgaste físico inerente à atividade, pergunta-se ao trabalhador se ele se imagina cortando cana com 40 anos. O trabalhador, da mesma forma que foi enfático para afirmar que gostava de trabalhar no corte, é enfático para dizer que com 40 anos já estaria muito desgastado. Como um trabalho que “é bom” pode deixar um jovem trabalhador desgastado com 40 anos? Talvez esse trabalho não seja tão bom, mas outros trechos da entrevista podem esclarecer essa contradição.

P.: Você já teve alguma greve, alguma coisa que você participou?

R.: Não, nunca participei de greve, mas eu já vi muitas.

P.: Você nunca participou?

R.: Não.

P.: Mas por que você nunca participou?

R.: Ah, assim, eu penso assim: eu acho que confusão não resolve não. Greve o pessoal faz greve eu já fico no meu canto, eu não entro no meio, porque a gente precisa do emprego.

P.: Aqui em Carmo também?

R.: É aqui em Carmo.

P.: Você não participa por quê? Você não acha justa a greve? Por que você acha que não resolve, ou por que tem medo de perder o emprego?

R.: Assim, eu acho que para mim não resolve.

P.: Não resolve?

R.: É porque não resolve.

P.: Mas você acha que assim, o que que você ganha com o corte, pelo trabalho que você gasta lá, você acha que é justo o que você recebe, ou você acha que devia ganhar um pouquinho mais? Apesar que todo mundo quer ganhar um pouco mais. Mas assim, pensando de uma forma crítica assim: “Não, eu acho que realmente eles ganham muito em cima de mim, podia pagar um pouquinho mais ou Não, realmente o que eu ganho tá justo, em outro setor ganha menos”.

R.: Meu irmão é assim, se ganhasse mais um pouquinho era bom, mas a gente, como se fala, a gente não pode chegar e bater de frente, tem que ficar quieto no cantinho da gente e trabalhar. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

A entrevista continua, como cortar cana é um bom trabalho, não há razões para greves. No entanto, como o trabalhador relata, ele já viu muitas greves. Contestado se participa dessas greves, o trabalhador afirma que nunca participou, pois, como ele disse, não pode chegar e bater de frente. Como se nota na passagem, o trabalhador entende que há uma grande assimetria entre a empresa e os cortadores. Esse trabalhador não reclama nem faz paralisação não por concordar com todas atitudes da empresa, mas por ter a

percepção que, em razão da assimetria de poder entre empresa e trabalhadores, reclamar não resolve.

P.: Se você pudesse imaginar assim, que você falou dessa profissão, que você sairia do corte, vamos dizer, cansou do corte. O que que você pensaria em fazer?

R.: Rapaz, eu pretendo um outro serviço diferente. Fazer outro serviço, sem mexer com cana, com peso, essas coisas.

P.: Você queria sair do tempo?

R.: Do tempo.

P.: Do trabalho pesado?

R.: Isso. Uma limpeza, uma coisa ou outra, eu acharia melhor.

P.: Uma limpeza?

R.: Isso.

P.: Você acha mais tranquilo?

R.: É mais tranquilo.

P.: Trabalhar tipo numa firma dessas coisas assim, você acha tipo isso? Não entendi como que é.

R.: É aqui essa empresa, ela tem muito serviço, de vários tipos de serviços. Se fosse para mexer, fosse pra eu escolher mesmo, queria mexer com limpeza.

P.: Dentro da usina?

R.: Dentro da usina.

P.: Mesmo ganhando menos?

R.: Mesmo ganhando menos.

P.: O corte, assim, mesmo você gostando, você não recomenda o corte para os outros?

R.: Não, recomendo não.

P.: Por exemplo, vamos dizer assim, se estivesse seu irmão lá com 18 anos agora no Maranhão e ele perguntasse: “Irmão, que que você acha de eu ir aí cortar cana com você”? Que você falaria para ele?

R.: Não irmão, fica quieto. Não mexa não. Caça outro serviço, vai estudar. Caça outro serviço melhor, não mexa com cana não. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

Em menos de 30 minutos de entrevista, as contradições são reveladas. O trabalhador que iniciou a entrevista afirmando que gostava de cortar cana e preferia essa atividade, por uma série de fatores como liberdade, alguns minutos afirma que não aconselha que outras pessoas sigam sua trajetória. Um questionamento surge, mas afinal para esse trabalhador, cortar cana é bom ou é ruim? Provavelmente, cortar cana é bom e é ruim. Cortar cana é bom enquanto surge como alternativa na limitada realidade para que esses trabalhadores consigam acessar bens materiais que tanto desejam. No entanto, cortar cana é ruim também, pois desgasta o físico do trabalhador, que sabe que sua vida útil produtiva não será muito longa; além disso, é ruim porque o trabalhador percebe a assimetria da relação com a usina, ainda que não ache justo algumas medidas, não faz greve, paralisação ou reclama, pois tem consciência de que ele é apenas mais um trabalhador para usina que pode ser facilmente substituído por outro trabalhador.

### **Corte de cana não é de Deus!**

Como ensina José de Souza Martins, na sociedade dos avessos, a sociologia deve começar “*pelas incertezas vivenciais e não pelas certezas sociológicas*. Eu não traria o

homem como *objeto* e sim como *sujeito*” (2014: 17). Esses trabalhadores diariamente sobrevivem e muitas vezes para superar as incertezas refazem significados “para interpretar situações (e ações) sem sentido, podendo, em questão de segundos, remendar as fraturas da situação social” (Martins, 2013: 55).

P.: E vocês competem, acha que acontece competição para ver quem corta mais?

R.: Acontece, isso aí é frequente.

P.: Você já competiu?

R.: De vez em quando tem que competir senão perde a camisa. Quando libera a safra, primeiro dia é trocado, até cair na primeira semana, ali vai vendo quem vai ficar no lugar de quem, até estabilizar a tabela, até do melhor para o mais fraco. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Essa passagem do trabalhador é interessante para se destacar as contradições que se encontra no canavial. Ao afirmar que compete com outros trabalhadores, talvez de forma inconsciente, o trabalhador aceita as condições impostas no processo produtivo.

Talhão e cidade formam um todo indissolúvel, em que se produzem e reproduzem a vida, o trabalho, o cotidiano, a aceitação e a recusa dos trabalhadores. Fisicamente separados, eles formam, contudo, uma unidade social permeada por contradições decorrentes das inúmeras relações de oposição. (Silva, 1999: 152)

Esse trabalhador, quando questionado se estava entre os que mais cortava cana em sua turma, afirmava com certo ar de satisfação que, se houvesse uma seleção, ele estaria entre os titulares. No entanto, essa aceitação é momentânea, pois em outros trechos da entrevista, ele se mostrou como um dos trabalhadores mais críticos ao trabalho como cortador de cana.

P.: Você acha que o que pagam pelo seu trabalho é justo?

R.: Não, acho muito pouco, que nem eu falo direto com o frentista. Quinta-feira eu saí da linha com o fiscal, eu discuti com o fiscal, com o frentista, quando a cana é ruim eles custam a dar o preço até mais tarde, o horário é até 9h, já tem que dar o preço dele. Eles falaram que deram o preço lá, mas não deram. Eles disseram que falou, mas ninguém escutou ele falando, como que eles dizem que falou. Eu não escutei, para eles falou, por isso ganha muito pouco. Se você vai reclamar eles querem falar mais alto, e você está estressado também, no sol quente, trabalhando estressado, acaba perdendo a linha, que nem eu que discuti com eles quinta-feira. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Percebe-se que, apesar de alguns momentos de aceitação, o trabalhador contesta a situação dos canaviais. Ele acha que pagam muito pouco e denuncia que muitas vezes o preço da cana é anunciado, mas ninguém escuta. Além disso, as relações de oposição que aparecem entre cortadores e frentistas fazem com que esse trabalhador afirme não falar direito com o seu frentista. Também é interessante a indicação do trabalhador de que, quando o preço da cana não é bom, o frentista retarda para anunciá-lo. Essa informação é relevante, pois nesse período da manhã é o período em que os

trabalhadores trabalham de forma mais intensa, pois ainda não estão exaustos e o sol está mais fraco.

P.: Mas, por exemplo, se conseguisse em um escritório, alguma coisa assim, um ganho parecido com o que você ganha na cana, você preferia ficar na cana ou preferia ficar no escritório?

R.: Escritório do que a cana. A cana aí é opção.

P.: Assim, tem gente que tem a cana por opção, porque ele fala: “Olha, prefiro trabalhar na cana, porque a cana não tem chefe enchendo o saco, e eu gosto.”. Não é a maioria, mas tem gente que acha isso, tem gente que fala “estou aqui porque paga um pouquinho mais.” No seu caso, o que você acha?

R.: Eu estou aí porque paga um pouquinho mais, mas se eu tivesse a oportunidade de sair para outro serviço eu saia da usina, do corte de cana sem pensar duas vezes. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Ao longo da entrevista a competição, o orgulho de estar entre no time dos titulares dos cortadores vai sendo deixado de lado. O trabalhador afirma que se tivesse outra opção, ele deixaria o corte.

P.: Entendi. E se der certo essa distribuidora você ano que vem não está mais no corte?

R.: Ano que vem e nem esse ano mesmo.

P.: Esse ano mesmo?

R.: Se der certo agora, der e ligar aí e falar assim: “Olha, fazer entrevista hoje.”. Vou lá. Que aí eu teria mais tempo em casa, para ficar com meu filho, porque corte de cana, trabalho, vai e volta todo dia, mas chega cansado, tem dia que vou dormir 6h30min da tarde já estou dormindo já, acabado. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

O trabalhador deixaria o corte sem pensar para poder usufruir mais tempo para cuidar dos seus filhos. Ele relatou que muitas vezes não consegue brincar com as crianças, pois chega em casa acabado.

P.: Em geral eles tratam os trabalhadores bem, o que você acha? Alguns sim, outros não?

R.: Trata, trata bem. Uma coisa que eu acho bom é o jeito de tratar, mas tem vez que também ultrapassa limite, igual teve uma vez lá que o Carlão chegou lá e ofendeu um trabalhador, falou que ele nasceu para cortar cana e ia morrer cortando cana. Foi quando tentaram virar o carro dele com ele dentro, foi por causa disso. Chegou e falou para o trabalhador, chamou ele de burro, que nasceu para cortar cana e ia morrer cortando cana, não era que nem ele não, que ele estava no escritório com as canetas. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Apesar de explorados, os trabalhadores não aceitam tudo. O nível de insatisfação no trabalho, em geral, é camuflado pela certeza desses trabalhadores que não há nada que possam fazer, pelo sentimento de impotência ante o grande poder da empresa. No entanto, em alguns momentos essa insatisfação escondida, como na situação relatada, irrompe a realidade. Os trabalhadores explorados que dão sangue e suor para garantir o lucro da empresa se revoltam e partem para agressão física. Como relatado pelo trabalhador, esse episódio por pouco não se transformou em uma fatalidade. O trabalhador que em regra aceita as condições que acredita ser injusta de forma

relativamente passiva, ao ser confrontado de forma depreciativa sobre suas condições de trabalho, revolta-se, não permite que funcionário do escritório diga algo contra sua profissão, deixa de agir isoladamente e age em grupo. Provavelmente, chamar de burro não foi o que mais lhes incomodou, mas sim a afirmação de que iam nascer e morrer cortando cana, que nasceram para isso, pois como declara o trabalhador a seguir “corte de cana não é de Deus”. O cortador objeto deixa a passividade e por instantes torna-se sujeito da própria história.

P.: Você não quer que seu menino corte cana de jeito nenhum?

R.: Não! Jamais, eu não quero nem que ele pense de falar assim: “Pai, quero entrar num canavial”. Eu vou falar “Não, meu filho, não faça uma coisa dessas não, nem brinque com isso, isso não é de Deus não, corte de cana não é de Deus”. Às vezes, muita gente do corte de cana reclama do sol, sol aqui na rua é bom demais, quero ver o sol dentro do canavial, se aqui na rua está achando que está com 30 °C, lá dentro está com 36 °C ou mais. Entra assim no canavial o calor é bem maior, o desgaste físico, água, demais da conta, resseca tudo. Igual eu falei para ela o jeito é nós sair daqui que eu não quero ver meu filho cortando cana, nem de ver assim ele brincando de querer entrar na roça. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

### **O sentimento de impotência**

“Uma boa parte da vida cotidiana é desesperada busca de sentido *aparente* para o que fazemos ou para o que acontece conosco e ao nosso redor” (Martins, 2013: 71). O trabalho árduo, como retratado, em busca de sentido vira uma competição; provavelmente, fazer da dura realidade uma brincadeira é uma estratégia de sobrevivência desses trabalhadores.

Eu também contrariaria os leitores intérpretes vulgares de Marx, dizendo-lhes que a *alienação* não é mera manifestação de falsa consciência e de incapacidade política para superar contradições. Com Marx sociólogo, eu lhes diria que a alienação é uma modalidade de consciência social que engana para revelar e para guiar. É nessa falsa consciência que as necessidades sociais se propõem como busca no marco real e do imaginário que ele contém e que depende. É através de sua alienação que o homem erra procurando acertar. (Martins, 2014: 17)

Na fala desse trabalhador destaca-se que cortar cana apenas é uma opção em razão das outras ocupações pagarem um valor inferior ao que ele recebe no corte. É válido ressaltar que se trata de uma pessoa com pouco grau de instrução formal, em um país que culturalmente não valoriza a mão-de-obra, esse trabalhador encontra-se, portanto, marginalizado dos poucos bons empregos que existem nas cidades; de origem humilde não tem ninguém que o possa indicar para exercer alguma função. A vaga no corte que conseguiu com o esposo da sogra, embora seja uma opção dura, apresenta-se como opção que mais valoriza seu preparo físico e força e assegura que mantenha a família. Também merece destaque a ideia defendida pelo trabalhador de que para o filho não pensar em cortar cana o jeito é ele se mudar para outra região.



O sentimento de impotência contra as regras que acreditam ser injustas faz com que a mobilização dos trabalhadores seja uma tarefa árdua, como descreve o líder sindical.

P.: Quando eu estava entrevistando os trabalhadores uma das coisas que eu perguntava “você já participou de paralisação? ”, perguntei para muitos, e a resposta mais comum que eu escutei foi “greve é bom para quem fica”.

R.: Para quem fica.

P.: Você, como presidente do sindicato dos trabalhadores assalariados rurais, como que é para conseguir mobilizar o pessoal?

R.: Hoje, para gente fazer uma mobilização do trabalhador, tanto faz, na roça, lá no pé do eito, ou até talvez trazer ele para dentro do sindicato, não é fácil, não é fácil. Mas a gente tem conseguido sim. Agora, greve, você fazer paradeiro, você tem que observar muito a lei. Você tem que observar muitos parâmetros da lei, porque dependendo da greve que você fizer, dependendo da paralisação que você fizer, ela é contra a lei. O trabalhador vai ser penalizado por isso. Dependendo também o motivo da paralisação, o motivo que o sindicato chegou na roça, pediu para parar, fez uma greve, fez um paradeiro, o sindicato também pode ser penalizado por isso. O sindicato, arrisca o sindicato ter que pagar uma coisa que, às vezes, ele não tem. Então, a gente tem uma certa dificuldade para mobilizar o pessoal. E, ainda mais hoje, nos dias de hoje, que o emprego está escasso. Cada dia que passa o emprego está ficando escasso, cada dia que passa as empresas que trabalham no meio rural estão reduzindo mais a mão de obra, e estão criando mais mecanização. Então, o trabalhador, às vezes, a gente chega, pede para dar uma paralisação, pede para fazer uma parada ou uma greve, o trabalhador, às vezes, ele fala: “Não, eu não vou parar. Eu não vou entrar nessa greve, porque eu preciso do meu emprego, eu tenho dois filhos para tratar, eu tenho esposa, eu tenho aluguel para pagar”. Então, o trabalhador, às vezes, pensa muito isso e eles não param. Por quê? Porque eles sabem que o dia de amanhã, por causa de um paradeiro que ele fez, que ele participou, às vezes, ele sabe que amanhã ele pode ser demitido. Ou talvez o ano que vem ele não vai ser contratado.

P.: Você já teve alguma vez assim que precisou pensar em parar e não teve apoio dos trabalhadores?

R.: Muitas vezes. Muitas vezes. Muitas vezes eu já pedi para parar e eles não param, não param, nem uma hora de prazo por exemplo. Eles não param. Por quê? Porque eles têm medo. O trabalhador anda com medo hoje, certo? De fazer isso, porque ele pensa muito no emprego, ele pensa muito no dia de amanhã. E se a gente for analisar, ele está coberto de razão, certo? Que por mais pouco que, às vezes, ele ganhe, mas é o pão de cada dia dele que ele está defendendo. (Entrevista realizada com líder sindical no dia 23/09/2015)

A usina em razão de seu poder econômico é difícil de se confrontar, até mesmo para o sindicato, como se nota na passagem. Para se fazer uma greve ou uma paralisação, o sindicato deve observar a lei, pois se corre o risco de a greve ser declarada ilegal, e o trabalhador e o sindicato serem penalizados. Além disso, o trabalhador tem medo de perder seu emprego, pois, embora muitas vezes insatisfeito, é de onde retira o sustento para família e para aquisição de algum bem material, como “aquisição de terrenos e motocicletas, na reforma ou construção da moradia e aquisição de eletrodomésticos” (Carneiro; Sousa; Marinho, 2007: 221).

### **Cortar cana é um vício**

P.: O senhor acha que cortar cana hoje é o quê? É bom? É ruim?

R.: Cortar cana é bom, para quem tem saúde, é bom. Cortar cana é um vício, sabe, se você viciar na cana, acabou, a cana é que nem droga, você viciou um ano acabou.

P.: Você vai querer cortar sempre?

R.: Vai, quando chega no tempo você fica louco, querendo mesmo, eu não vou porque eu não dou conta.

P.: Não vai mais porque não dá conta?

R.: Porque não dá conta, mas se desse eu iria, está entendendo?

P.: Entendi.

R.: Você corta, você está lá no meio da galera e vai brincando um com o outro, e vai.

(...)

P.: É? Pode deixar. Ah, esqueci de perguntar uma coisa. Pelo que o senhor trabalha, o senhor ganha o justo, cortando cana?

R.: Não, o cortador de cana podia ser mais valorizado, todos eles, não é só um, todos!

(...)

P.: Por que o senhor acha que o pessoal quase não faz greve?

R.: Ah, não sei. Nós somos daqui, né, aí faz greve, como é que vai fichar no outro ano?!

P.: O senhor acha que tem lista negra aqui na usina, ou toda usina tem?

R.: Toda usina tem.

P.: O cara que faz greve.

R.: O cara deu trabalho, você vai para roça, você vai trabalhar, você não vai discutir mais fiscal, você não vai brigar mais fiscal, se o preço está ruim, você chega no frentista e conversa com ele. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 16/07/2015)

Nessa outra entrevista com um trabalhador mais experiente, que já cortou cana em Alagoas, São Paulo e Goiás, o cortador relata que quando era mais jovem conseguia cortar no ritmo dos demais, porque lidavam diariamente com corte brincando com colegas. A dificuldade de assegurar o sustento é representada como um jogo; não é qualquer jogo, mas jogo que vicia. Um vício que tem seus efeitos colaterais, “nas relações entre boias-frias e canaviais, não se sabe quem derruba quem, se são os cortadores de cana que derrubam os canaviais ou os canaviais que derrubam boias-frias” (Dawsey, 2012: 260). Esse trabalhador sabe que o canavial derruba o homem, sente todos dias as dores que se acumularam após quase três décadas cortando cana, mas como um vício não consegue largar o canavial e continua cortando, ainda que ache que os cortadores não são valorizados e reconheça a impotência ante a relação assimétrica entre usina e trabalhadores. Como ensina a literatura, as listas negras são usadas pelas usinas para se evitar que os trabalhadores exteriorizem suas insatisfações e não participem de greve ou paralisações. “As listas negras são os antídotos mais eficazes na correção das condutas, dos comportamentos dos trabalhadores” (Silva, 1999: 141).

### **Parece que tenho mais anos**

P.: Você gosta de cortar cana?

R.: É o que eu sei mesmo, eu gosto. Não acho ruim não. É pesado, mas depois que acostuma é bom.

(...)

P.: Você acha que dá conta de cortar cana mais quanto tempo, assim?

R.: Dá para cortar uns cinco anos mais para frente. Mas eu não quero continuar não, quero parar logo. Talvez só esse ano. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 15/07/2015)

O trabalhador, como muitos outros, ao ser questionado sobre cortar cana disse que não achava ruim e era o que ele sabia fazer. No entanto, alguns minutos para frente a contradição aparece em seu discurso, ele afirma que, apesar de não achar ruim, quer parar logo. Se ele encontrar outra estratégia de sobrevivência, esse será seu último ano como cortador, esse desejo é alimentado por outras percepções que tem do emprego.

P.: Por exemplo, se perguntarem para você: Vou te dar o mesmo salário. Você prefere trabalhar no campo ou trabalhar no escritório?

R.: No escritório é melhor. O mesmo salário?

P.: O mesmo salário. Por exemplo, se no mercadinho ali da esquina, te chamar para ganhar o mesmo salário, para colocar as latas na prateleira, ajeitar as caixas, essas coisas.

R.: Nossa. Não tem dúvida não. Saio da cana na hora. Melhor, é muito forçado.

P.: Você acha que é muito cansativo a cana?

R.: É cansativo demais.

P.: No final da safra, como que você está geralmente?

R.: Bem magro. Bem desgastado. O meu jeito também tenho vinte seis anos e parece, a feição parece mais anos.

(...)

P.: Por exemplo, você tem um menino lá?

R.: Tenho dois.

P.: Dois meninos. Você queria que eles fossem cortar cana?

R.: Eu não. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 15/07/2015)

Essa entrevista, embora curta, foi de fato interessante, quando o trabalhador ressaltou que tinha 26 anos, mas parecia ter mais, houve um constrangimento momentâneo na entrevista, pois, apesar de se concordar com a afirmação, não se sabia o que falar. Essa percepção do desgaste físico decorrente da atividade no canavial, serve como motivação para que o trabalhador queira deixar a atividade; também serve de motivação para que ele não deseje essa sorte para seus filhos.

P.: Você já participou de greve?

R.: Não, nunca não.

P.: Nunca?

R.: Nunca.

P.: E já viu greve?

R.: Já vi, já.

P.: Por que você não participou?

R.: Greve só prejudica a gente, que é trabalhador. Faz uma greve hoje, vai embora lá. Leva até um pouquinho de dinheiro. Chega lá, acaba não fez o serviço.

P.: Não consegue mais?

R.: Não vai conseguir.

(...)

P.: Se eu te perguntar qual é sua profissão hoje, o que que você falaria?

R.: Ah, eu sou trabalhador rural.

P.: Trabalhador rural?

R.: É. Trabalhador rural.

P.: E o que que você acha da expressão boia-fria?

R.: Boia-fria?

P.: Dar um exemplo: se chega um caboclo ali e fala: “Ô boia-fria” para você, o que que você falaria para ele?

R.: Rapaz, nem sei o que que eu respondo.

P.: Mas, se você não respondesse nada, o que que você iria sentir? O que que você iria pensar?

R.: Que ele estava me rebaixando.

P.: Você acha que é um rebaixamento, mesmo?

R.: Sim. É um desrespeito. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 15/07/2015)

Ao longo das entrevistas, algumas percepções foram sendo repetidas. A greve ou a paralisação é vista pela maioria dos trabalhadores como algo ineficaz ou como no caso do entrevistado acima como algo que prejudica o trabalhador. Outro fato que chamou a atenção é a recusa do trabalhador a alcunha de boia-fria, de fato é um termo pejorativo que serve muitas vezes apenas para reforçar o preconceito e marginalizar ainda mais esses trabalhadores.

### **Se arrumasse um serviço lá, não vinha para cá**

P.: O que eles te pagam no corte, você acha justo ou você acha que eles pagam pouco?

R.: É pouco né. O tipo de serviço que a gente trabalha, é pouco.

(...)

P.: Se eu perguntar para você: você gosta a sua vida hoje assim ou preferia a vida lá do Piauí?

R.: Está bom.

P.: Está melhor do que lá, você acha?

R.: Não, melhor do que lá não está, não, lá para mim é melhor.

P.: Lá, para você, é melhor?

R.: Estou junto com a família, aí lá fico melhor do que aqui.

P.: Se tivesse um emprego lá que pagasse, você não viria de jeito nenhum?

R.: Vinha não. Se eu arrumasse um serviço lá, eu não vinha pra cá.

P.: Mas lá não arruma não?

R.: É difícil demais. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 17/07/2015)

Após algumas entrevistas, percebe-se que algumas características das histórias desses trabalhadores são parecidas. Há, de modo geral, uma percepção que o trabalho deles poderia ser melhor remunerado. Também para grande maioria dos entrevistados, o corte da cana apenas apresenta-se como opção em razão da ausência de empregos que paguem uma remuneração razoável. O corte da cana é uma estratégia para os trabalhadores que vem de outras regiões, mas também para os trabalhadores da região.

### **O trabalho de meu pai**

P.: Que você está achando de cortar cana?

R.: Uai, cortar cana não é um trem bom não. É bom, bom, bom não.

(...)

P.: Hoje você tem o mesmo trabalho que seu pai tem, né?

R.: É.

P.: Você queria que seu filho tivesse o mesmo trabalho que você tem?

R.: Não.

P.: Você queria que seu filho trabalhasse com o quê? Assim, se você pudesse escolher.

R.: Depender de mim, vai estudar até se formar ser alguma coisa na vida.  
P.: Entendi, mas você acha que o quê é ser alguma coisa na vida?  
R.: Ter uma profissão boa.  
P.: Uma profissão boa? Você acha que cortar cana não?  
R.: Não é uma profissão boa, não. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Merece destaque nessa entrevista o fato desse trabalhador ser um jovem de 20 anos e ter concluído o ensino médio. Filho de cortador de cana, seguiu a profissão do pai nos primeiros anos da vida adulta. Ele é a antítese do desejo da maioria dos trabalhadores, que não querem que seus filhos trabalhem nos canaviais. Não acha uma profissão boa, mas a necessidade o levou para corte. Apesar de ter concluído o Ensino Médio não encontrou outra opção de trabalho. Também se destaca que ele usa o termo ser alguma coisa na vida, como sinônimo de ter uma profissão boa. Quem não tem uma profissão boa, seria nada da vida? Embora essa expressão seja comumente usada no país, ela se reflete não só no discurso, mas na desvalorização dos trabalhos manuais, que em regra não exigem um grau de instrução formal elevado. No entanto, o trabalho no canavial exige algo dos trabalhadores absurdo, não exige nenhum diploma, mas retira a vitalidade dos trabalhadores.

### **O corpo fica bem judiado**

P.: E, por exemplo, o senhor tem essa experiência de trabalhar em duas lavouras, por exemplo: lavoura de melancia e a cana. Assim, que o senhor acha mais pesado de trabalho?

R.: Ah, o corte ele é mais forçado.

P.: É?

R.: É. Ele é mais puxado. Para você ganhar, você tem que se esforçar para você tirar um dinheirinho melhor. Porque se você for muito devagar você não faz nada. Aí se você quer ganhar um dinheirinho a mais, você tem que se esforçar mais. Aí você cansa, o corpo fica bem judiado na parte da tarde, está bem baqueado. Sua demais. Tem dia que...

(...)

P.: E o senhor queria que algum de seus filhos trabalhasse no corte?

R.: Preferia que eles entrassem em outra profissão. Caçar um meio de. Vê se arruma outro tipo de coisa. Porque é um trem, um serviço que eles já conhece né sabe que não é aquela coisa né, mas sabe que dá para gente manter, mas não é aquela coisa: “Nossa, é bom demais, ganha muito.”

(...)

P.: O senhor gosta do seu trabalho?

R.: Não sei se é por causa dos amigos, a gente vai levando, mas falar que a coisa é boa, não.

P.: Se fosse para ganhar o mesmo salário o senhor preferia o outro tipo de trabalho ou preferia trabalhar na roça mesmo? Assim, talvez outro tipo de roçada, não sei. O que que o senhor acha?

R.: É. Sei lá. Eu acho que se tivesse outro tipo de coisa, outro tipo de serviço assim para ganhar, para tirar o mesmo assim, eu acho que o outro. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 14/07/2015)

Esse trabalhador é pai do trabalhador de 20 anos que citamos acima. Ambos são naturais de Carmo do Rio Verde, não gostam do corte, mas optam pelo corte. Não se trata de uma opção livre, nem que liberta. A cana vicia, vício que, às vezes, passa de pai

para filho. Um trabalho árduo, mais intenso do que outras atividades rurais como assegura o trabalhador, claramente insalubre, embora a usina se recuse a reconhecê-lo como insalubre. Os trabalhadores, no entanto, reconhecem, sentem as dores e percebem que tem um prazo; não querem, mas permanecem no corte sem querer. São sujeitos dos seus destinos, mas sua agência é limitada por um contexto, que limita as estratégias de sobrevivências possíveis.

A migração temporária aparece como uma estratégia, como uma solução material num duplo sentido: por um lado, o assalariamento permite a compra de alimentos, garantindo, assim, um patamar mínimo de sobrevivência; por outro, a saída da terra corresponde à volta, já que o trabalho assalariado é temporário. Cria-se, portanto, um elo de complementaridade bastante estreito entre estas realidades, que, apesar de opostas, se servem mutuamente. Em outros termos, a economia capitalista avançada necessita desta mão-de-obra barata em seu espaço por algum tempo e a economia miserável necessita do pouco dinheiro auferido por alguns de seus membros para continuar existindo. (Silva; Martins, 2010: 214-215)

Nota-se que de forma similar ao que ocorre em São Paulo, o trabalho no canavial é estratégia supostamente temporária, pois vários trabalhadores dedicam a atividade por vários anos. Além disso, para os trabalhadores da região, principalmente os mais velhos, a cana faz parte de uma grande contradição, pois a expansão da cana reduziu consideravelmente as parcerias e as terras disponíveis para meeiros, mas possibilitou que esses tivessem um trabalho relacionado com a terra.

Pessoas que, antes de virem para a cidade, haviam sido agregados, meeiros, ou pequenos arrendatários, agora como boias-frias, reencontram-se com a terra. Mas, a terra não é mais lugar de morada. O lugar onde se fazia a “morada da vida” (Heredia, 1980) virou “terra de negócio” (Martins, 1991). Chuva virou sinal de fome em vez de fartura. Havendo chuva, a queima da palhaafiada da cana, procedimento necessário para garantir o uso de corpos sensíveis na safra, torna-se impossível, e os caminhões ou ônibus não conseguem fazer o percurso indo e vindo dos canaviais sem se afundarem em terras ou areias molhadas. Assim sendo, para trabalhadores que recebem de acordo com a quantidade de cana cortada, chuva vira sinal de fome. (Dawsey, 2013: 257-258)

### **A competição é bruta**

Para finalizar, é interessante colocar a entrevista mais longa que foi realizada durante a pesquisa. Trata-se de um trabalhador que nasceu na região, filho de meeiros e hoje corta cana. Talvez por uma questão contextual, a percepção que ele tem acerca do corte diverge de outros cortadores, ele afirma que não trocaria o corte por qualquer serviço e que ama seu trabalho. Embora tenha perspectiva diversa de alguns cortadores, reclama da falta de flexibilidade do escritório com os trabalhadores. Algo que se destacou durante as entrevistas é que a maioria dos trabalhadores não tem interesse de ter um contrato efetivo com a empresa. O trabalhador da entrevista que se segue, embora seja efetivo, tem um desejo de sair, com esse intuito entrou na justiça contra a empresa.

Tem o desejo de alugar uma terra e plantar por conta própria, pretende com o dinheiro que ganhar na justiça financiar esse empreendimento. Ele tem consciência de que essa ação vai privá-lo de emprego na usina por muito tempo. Relata a história de seu filho, que entrou para lista negra, ou como ele mesmo disse, foi marcado no placar na sala de Recursos Humanos.

P.: Tem uns meninos aí mais novos que vieram a menos tempo, eles falaram que vieram cortar cana porque achavam que cortando ganhavam mais do que como vendedor.

R.: Igual eu falo para você, o corte de cana, se tiver produção, dá dinheiro. Igual o [menino] mesmo, [ele] é que sem vergonha. Na cana caída, ele trabalha pouco, na cana em pé, você consegue ganhar R\$ 150,00, R\$ 200,00, por dia. Para quem ganha um salário mínimo hoje como vendedor, é muito dinheiro. No correr da semana dá aí seus R\$ 1.800,00, livre R\$ 1.500,00, R\$ 1.800,00, livre. Dá três mil por mês, porque a gente recebe quinzena.

P.: O problema são as caídas?

R.: Na hora que chega na. Já eu, é igual eu falo para eles, eu mais o [menino] trabalha assim, cinco linhas para ele, cinco para mim. Às vezes, eu pego primeiro, um dia, amanhã ele pega primeiro, mas sempre é. Quando a cana em pé some, desaparece, nem vê ele. Meu patamar é o seguinte, eu estou consciente de dizer o seguinte, que eu sou efetivo. Não adianta eu me matar por causa de R\$ 80,00, R\$ 100,00 por dia, porque amanhã eu preciso trabalhar de novo. Quando a cana é caída, eu mantenho essa média também. Eu não vou bambear só porque a cana está ruim, se eu tenho de ganhar, então eu mantenho uma média, mais ou menos, assim na faixa de R\$ 80,00, R\$ 100,00 por dia. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

Nesse trecho da entrevista, há duas informações que se complementam de grande relevância para pesquisa. A resistência de alguns trabalhadores quando encontram a cana caída, como relatado alguns trabalhadores diminuem consideravelmente o ritmo, quando a cana não está em pé. No entanto, no atual cenário, com a mecanização, para os trabalhadores que ainda se mantêm na atividade, cada vez mais, restam apenas canas caídas. Também aparece na entrevista a resistência do trabalhador, apesar dos incentivos existentes, a cortar cana até seu limite. O trabalhador ao afirmar que mantém a média, demonstra que consegue de certa forma resistir a lógica do sistema da remuneração do trabalho por produção.

P.: O pessoal compete mesmo?

R.: Compete. A competição é bruta. Por isso que eu acho que o dinheiro não tem muita serventia, sabe. No caso, eu não, o [menino]. Eu não, porque eu, igual eu falo para você, eu trabalho para sustentar a mim e Deus me ajuda. Agora, eu não tenho esse negócio: “ah, o fulano está bom”. O [menino], ontem mesmo, parece que foi até combinado, quando escalou ele, o olho dele estava só o linho, só a trança, tudo caída. Do lado de cima dele tinha [outro], aí o [outro] vai.... O olho do [outro], só vê a linha assim, você olhava de um lado via do outro, a do [menino] todo trançado de parelha, você vê, cinco linhas aqui e cinco aqui. O [outro] desapareceu. Mas o [menino] chorou, mas, gente do céu, mas o [menino] reclamava: eu vou largar isso aqui, eu não vou trabalhar. Tipo, inveja do outro, você sabe que é; se você parar para pensar, você sabe que é. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

A lógica da remuneração por produção influencia de modo negativo a solidariedade entre os trabalhadores. Apesar de ser uma forma lúdica de lidar com a extenuante jornada do corte, a competição faz que em algumas situações o trabalhador ao lado seja um rival, como no caso relatado em que o trabalhador estava indignado pelo fato de outro trabalhador estar melhor. Além disso, a competição é útil para usina, pois motiva o trabalhador a sempre querer cortar mais.

P.: Hoje, se eu falasse assim, “tenho outro serviço ali para ganhar a mesma coisa”, você preferiria cortar cana?

R.: Depende do serviço.

P.: Se fosse para trabalhar dentro da usina?

R.: Não, corto cana.

P.: Por qual serviço você trocaria, assim, por cortar cana?

R.: Não, se fosse hoje para eu abandonar meu serviço, eu teria de ter uma chácara para eu trabalhar, trabalhar com hortaliças. Porque meu irmão lá em Brasília tem. Eu tenho um irmão que mora em Brasília e trabalha com chácara, hortaliças. Eu sei muito, igual eu falo para você, eu sei fazer de um tudo na vida. E outra, eu só nunca fiz matar e roubar, porque nunca precisou. Mas, eu sei fazer de um tudo na vida, sei inseminar gado – não cursei até o fim, mas na prática eu aprendi.

P.: Mas você preferiria trabalhar, assim, em uma cultura mais que nem tinha aqui?

R.: Vamos dizer, trabalhar para mim. Era não ser mandado que eu preferiria.

P.: Mesmo dando um pouquinho menos?

R.: Mesmo ganhando menos. Por quê? Você tem mais liberdade. Aí é igual eu estava falando para você, é igual a gente fala, uma chacinha hoje. Eu entrei na justiça pedindo para sair? Porque eu tenho os meus direitos, hoje, na usina. (...) Mas, assim, eu não queria, eu amo essa. Isso aqui foi, para nossa cidade, foi a melhor coisa que já houve esse seu Paulo comprar isso aqui. Antigamente, 1999 para trás, isso aqui era parado. Todo mundo lutava para sobreviver, mesmo. Você sabe, não tinha ninguém de fora, mas os daqui tinha que pular porque senão não conseguia nada. Não era todo mundo que tinha coragem de peitar uma roça, de plantar, de colher. Aí o cara, vamos supor, levanta cedo, não sabe para onde vai, não tem o que fazer; a mulher chega, acabou o café, acabou o açúcar, acabou o arroz. A pessoa que tem sangue na veia igual a gente tem, graças a Deus nunca precisou de ouvir essa palavra não, mas eu acho que é doído. Pesado. Mas aí, igual eu falo para você, em termos, voltando àquele assunto da chácara, hoje, um pé de alface bem zelado são dois reais e não aperta para vender cinquenta pés de alface aqui por dia. Eu gasto – eu vou por muito – eu gasto quatro pés de alface para fazer cem pés de alface aqui, produzir. Gasto o valor de quatro pés de alface. Só que você estando nas hortaliças, você tem muita diversidade, não é só alface, é outras coisas. Você planta aí quinhentos pés de tomate. E o produto orgânico hoje, que eu sei trabalhar, na época que a gente trabalhava não tinha, muita química. O produto orgânico, hoje, ele é mais saudável. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

A percepção do trabalhador acerca do corte de cana-de-açúcar é de fato influenciada pela sua experiência anterior. Esse trabalhador por um lado relembra da grande dificuldade que vivenciou, quando sua família trabalhava como meeiro. Com emoção relata que hoje cortar cana é bom, pois consegue aferir um rendimento que crê digno, pois compara com a recordação de seu pai trocar um dia de trabalho por um litro de manteiga. Trabalhar com o corte é uma forma de manter o contato com alguma forma



de plantação. Provavelmente por isso, ele afirma de modo veemente que não trocaria o trabalho no corte por outro trabalho dentro da usina. Por outro lado, em razão das lembranças do tempo que vivia como meeiro, ele tem um sonho de sair da usina e estabelecer uma produção própria de hortaliças. Um sonho de manter sua família com o dinheiro de sua própria produção, que não é impossível, mas que também não é fácil, em um sistema produtivo altamente concentrador de renda, como existente no Brasil.

P.: Se você quisesse ser fiscal.

R.: Não, não.

P.: Nunca teve oportunidade?

R.: Tive, não quero não. Deus me livre, Jesus, Ave Maria.

P.: Por que você acha ruim né?

R.: Não é o que eu falo para você, eu amo minha profissão. Chegam: “Suas cinco linhas são essas aqui” e eu [som de corte], acabou, não tem zoeira, não tem ninguém para me encher o saco, tem as molecagens, as brincadeiras de roça pra desestressar e pronto.

(...)

P.: Porque no outro vocês ganham R\$ 1.100,00. Dá uma diferença?

R.: Dá, no correr do mês dá uma diferença grande no salário. Se a gente ganhar é muito bom. Eu acho assim, igual eu falo para você, hoje, se fosse outro administrador que tivesse jogo de cintura, igual, a gente que é da região, foi criado, entende, porque é capaz que entendo de cana mais do que a [Doutora], do que o [Doutor]. O [Doutor] é formado em agronomia, mas se botar eu e ele de par eu garanto para você, se ele plantar uma cana e eu plantar, eu garanto para você que a minha vai ser melhor e eu não tenho estudo. Não adianta o estudo dele. Você sabe que hoje, conforme o serviço tem a prática, é prática. Igual eu estava falando para você, a gente trabalha assim... é muito bom. Eu queria que eles tivessem jogo de cintura. Eu fazia um acordo com eles, eu não queria aviso, eu não queria a multa rescisória, para mim ficar limpo. Você sabe que, o dia que eu sair dali, nunca mais. Quando a [Doutora] for a administradora ali, ela põe meu nome no placar dela lá; roda minha ficha, ela pega minha ficha e joga para cá: “esse aqui nunca mais”. Roda na cara de pau. Ela não pega meu menino, eu tenho um rapaz, 22 anos, ela não pega ele porque ele discutiu com ela, porque ele tem o pavio curto igual eu.

P.: Tem um placar mesmo?

R.: Tem. (Entrevista realizada com trabalhador rural no dia 12/07/2015)

O trabalhador relata que nunca teve interesse de trabalhar como fiscal, pois não gosta de tratar com pessoal, prefere a atividade de cortar por acreditar ter mais liberdade. É interessante, na percepção do trabalhador, a compreensão de que o fiscal tem que aguentar muita pressão, por estar entre os cortadores e a usina. O fiscal estaria no meio de duas situações de oposições, por essa perspectiva o trabalhador afirma que prefere manter-se no corte.

Outro ponto que não foi a princípio questionado, mas surgiu de modo natural na entrevista é a questão da lista negra da usina. Em uma cidade em que a usina é o maior empregador, colocar um trabalhador na lista, ou no placar como ele disse, é de uma crueldade monstruosa, pois pode significar para o trabalhador ter que se mudar para outra região. A lista negra é elaborada no escritório, que é

Elemento fundamental, organizado para talhar corpos e almas, para socializar, para retirar os vícios, corrigir o comportamento, reprimir a vadiagem, controlar as doenças, as faltas, a alta rotatividade (às vezes prejudicial à empresa, enfim, elemento necessário à socialização dessa multidão de homens e mulheres. (...) Socialização que significa transformar o “volante”, o andarilho, o que voa de um lugar a outro, em fixo, em trabalhador, que passa a se interessar pela empresa, que passa a ter amor ao trabalho. (Silva, 1999: 136)

Como se pode notar, não se trata de coincidência o trabalhador afirmar inúmeras vezes nas entrevistas que ama seu trabalho. Como se percebe, várias estratégias de socialização usados em canaviais de outras regiões são emulados nos canaviais de Carmo do Rio Verde.

### **Considerações Finais**

Embora a questão do trabalho nos canaviais já tenha sido amplamente abordada por alguns pesquisadores, a mecanização completa da colheita da cana-de-açúcar, em substituição ao corte manual, ainda permanece como problema de pesquisa não esgotado, pois há inúmeras questões que ainda devem ser debatidas, como a vivência subjetiva e objetiva dos trabalhadores ante esse processo de mecanização, a atividade sindical e a resistência dos trabalhadores ao processo de intensificação laboral.

Esses processos de intensificação de trabalho acabam sendo, de forma proposital, silenciados durante o processo de mecanização da colheita (Silva; Bueno; Melo, 2014). As condições objetivas e subjetivas dos trabalhadores que dão suor e sangue nos canaviais na fase de transição do corte manual para o mecanizado são preteridas por discussões sobre questões técnicas relacionadas ao funcionamento das máquinas ou acerca das vantagens da colheita mecanizada.

No entanto, uma discussão acerca das condições subjetivas dos trabalhadores revela as contradições em que o trabalhador está inserido se reflete em seu discurso. Não se trata de uma contradição meramente discursiva, mas de uma contradição que invade o cotidiano desses trabalhadores. Cortar cana é bom, pois na dura realidade em que se confrontam diariamente, apresenta-se como uma alternativa para adquirir mercadorias, como moto, aparelho de televisão, carro; além de garantir a sobrevivência para uma grande quantidade de expropriados no bojo do processo de modernização. “Na realidade, o processo de expropriação produziu e continua produzindo uma massa enorme de errantes em busca de trabalho para a sobrevivência” (Silva, 1999: 58). No entanto, cortar cana é ruim, pois a dor é diária durante a lida e como foi relatado essas

lesões ocasionadas pelo trabalho acompanham esses trabalhadores até o final de suas vidas.

Além disso, pode perceber-se que na análise dos discursos dos trabalhadores, as contradições aparecem em poucos minutos de entrevistas. A atividade para qual alguns trabalhadores afirmam ter amor, é a mesma atividade que envelhece o trabalhador. Trata-se de um vício, que os trabalhadores reconhecem seu malefícios, mas não conseguem se libertar.

Para remendar essas contradições, muitas vezes os trabalhadores alteram o significado do trabalho. A dura lida diária é em algumas vezes compreendida como se fosse um jogo, uma competição entre os trabalhadores.

Acredita-se que desvelar essa realidade é uma importante tarefa que se tentou realizar com esse trabalho. Trata-se de uma tentativa de “evocar e apreender uma experiência peculiarmente moderna” (Berman, 1986: 117).

A percepção acerca do emprego diverge de trabalhador para trabalhador. Percebeu-se que os mais novos não acham que é um bom emprego, alguns trabalhadores mais velhos, por sua vez, afirmaram que ruim é trabalhar e não receber. A exploração desses trabalhadores não é uma realidade que surgiu com a cana, tampouco é uma realidade exclusiva do campo. Essa exploração, no entanto, torna-se ainda mais dramática para esses trabalhadores que se encontram marginalizados pelo processo de modernização. O processo de mecanização que deveria ajudar a humanidade, não ajuda a esses trabalhadores, pois alguns são dispensados e os que ficam são empurrados para os canaviais de corte mais difícil. Nesse cenário de intensificação do trabalho, as contradições que transparecem nas entrevista, não são apenas contradições discursivas, mas contradições que os trabalhadores vivenciam cotidianamente.

### **Referência Bibliográfica**

BERMAN, Marshall. (1986) Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo, Companhia das Letras.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio; SOUSA, Andréa; MARINHO, Karlene. (2007) Uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura da cana em São Paulo. In: NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. (orgs) (2007) Migrantes: Trabalho no Complexo Agroindustrial Canavieiros (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos, EdUFSCar.

- DAWSEY, John Cowart. (2013) De que riem os boias-frias? diários de antropologia e teatro. São Paulo, Terceiro Nome.
- IANNI, Octavio. (1998) A sociologia do Brasil. In: MARTINEZ, Paulo Henrique. (org) (1998) Florestan ou o sentido das coisas. São Paulo, Boitempo.
- MARTINS, José de Souza. (1978) As Coisas no Lugar (Da ambiguidade à dualidade na reflexão sociológica sobre a relação cidade-campo). In: MARTINS, José de Souza Martins. (org) (1986) Introdução Crítica à Sociologia Rural. São Paulo, Editora Hucitec.
- MARTINS, José de Souza. (1998) O senso comum e a vida cotidiana. Tempo Social, ver. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998.
- MARTINS, José de Souza. (2013) A sociabilidade do homem simples (Cotidiano e História na modernidade anômala). São Paulo, Contexto.
- MARTINS, José de Souza. (2014) Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo, Contexto.
- SCHMID, Christian. (2012) A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, N° 32, pp. 89-109, 2012.
- SILVA, J. F. G.. (1981) Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura. São Paulo, Editora Hucitec.
- SILVA, J. F. G.. (1997) De bóias-frias a empregados rurais (As greves dos canavieiros de Guariba e de Leme. Maceió, EDUFAL.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. (1999) Errantes do Fim do Século. São Paulo, Editora UNESP.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; BUENO, Juliana Dourado; MELO, Beatriz Medeiros de. (2014) Quando a máquina “desfila”, os corpos silenciam: tecnologia e degradação nos canaviais paulistas. Contemporânea, v. 4, n. 1, p; 85-115, jan.-jun. 2014.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes; MARTINS, Rodrigo Constante. (2010) A degradação social do trabalho e da natureza no contexto da monocultura canavieira paulista. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, n° 24, mai./ago. 2010, p. 196-240.
- XAVIER, Glauber Lopes. (2010) Tempo-Espaço na vida cotidiana do “Bóia-Fria”. Dissertação (mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- YRMÃO, José Pedrosa. (2003) História de Carmo do Rio Verde – GO. Goiânia.